





TODA A ORFANDADE DO MUNDO

escritos sobre
ROBERTO BOLAÑO

ORGANIZAÇÃO

Antonio Marcos Pereira
Gustavo Silveira Ribeiro



© Relicário Edições

© Autores

CIP –Brasil Catalogação-na-Fonte | Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

T633

Toda a orfandade do mundo : escritos sobre Roberto Bolaño /
Organização Antonio Marcos Pereira, Gustavo Silveira Ribeiro. --
Belo Horizonte, MG : Relicário Edições, 2016.

216 p. ; 15,5 x 22,5 cm.

ISBN: 978-85-66786-42-2

1. Roberto, Bolaño, 1953-2003 – Crítica e interpretação. 2. Literatura chilena - Ensaios. I. Ribeiro, Gustavo Silveira. II. Pereira, Antonio Marcos. III. Título IV. Título: escritos sobre Roberto Bolaño

CDD C864

CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Horta Nassif Veras (UNICAMP)

Ernani Chaves (UFPA)

Guilherme Paoliello (UFOP)

Gustavo Silveira Ribeiro (UFMG)

Luiz Rohden (UNISINOS)

Marco Aurélio Werle (USP)

Markus Schäffauer (Universität Hamburg)

Patrícia Lavelle (EHESS/Paris)

Pedro Sússekind (UFF)

Ricardo Barbosa (UERJ)

Romero Freitas (UFOP)

Virginia Figueiredo (UFMG)

Davidson de Oliveira Diniz (UFRJ)

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maíra Nassif Passos

PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO Ana C. Bahia

REVISÃO Mariana Di Salvio

RELICÁRIO EDIÇÕES

www.relicarioedicoes.com

contato@relicarioedicoes.com

Un historiador que trabaja con documentos del porvenir.
(Ricardo Piglia, *Respiración artificial*)



PREFÁCIO

Ana Cecilia Olmos 9

Bolaño no Brasil

Antonio Marcos Pereira & Gustavo Silveira Ribeiro 13

A HISTÓRIA É ASSIM, UM CONTO CURTO DE TERROR (América Latina, literatura e violência)

“Da violência, da verdadeira violência”

Marcos Natali 19

Todos os nomes, o nome

arquivo e violência na cultura
latino-americana contemporânea

Gustavo Silveira Ribeiro 45

Roberto Bolaño: o segredo do mundo é óbvio

Sobre “La parte de Amalfitano”

Graciela Ravetti 65

“Por que não assim, se assim foi pra mim”:

Pasolini e Bolaño

Maria Betânia Amoroso 83

NOVOS TREMORES FORMAIS
(As aventuras da forma)

Três quadros em um quarto:
a poesia lança um olhar para a cena do crime
Tiago Guilherme Pinheiro 95

A dinâmica formal de *La literatura nazi en América*
Kelvin Falcão Klein 123

***Los detectives salvajes*, sua promessa de sentido**
Clarisse Lyra 135

**Uma breve história do latino-americanismo e
o último escritor latino-americano**
Mariana Di Salvio 149

A SOPA NEGRA DA VIDA
(Biografia, recepção, reinscrição)

Coragem e verdade
Uma defesa do mito Bolaño
Matt Bucher 165

***Os detetives selvagens* – diário de releitura**
Felipe Charbel 175

**Pós-escrito ou de como não consegui
escrever um ensaio sobre Bolaño**
Rafael Gutiérrez 201

SOBRE OS AUTORES 213

PREFÁCIO

Nas últimas décadas, a literatura de Roberto Bolaño imantou a cena literária, atraindo para si a atenção de críticos, editores e inúmeros leitores de diferentes línguas. Poucos escritores da América Latina atingiram uma relevância internacional dessa magnitude. Se pensarmos no século XX, Bolaño poderia se incorporar a uma lista de autores reconhecidos, na qual os nomes de Borges, Neruda e García Márquez se destacam, embora eles não se projetem no âmbito internacional da mesma forma. Pode-se dizer que, para além do valor literário de suas obras, os nomes de Neruda e García Márquez não deixam de remeter, nos dias de hoje, a uma representatividade latino-americana que se sustenta no voluntarismo político das utopias de esquerda e no exotismo identitário do realismo mágico. Pelo contrário, os nomes de Borges e Bolaño resistem a qualquer mandato de representatividade e suas obras convocam a um trabalho crítico de desarticulação ideológica do latino-americano que liberta a literatura dessas vocações localistas. O contraponto entre esses autores é óbvio e não pretende colocar em questão a importância que suas obras tiveram ao longo do tempo. No entanto, se levarmos em conta a marcada desterritorialização que singulariza a literatura das últimas décadas, poderíamos nos referir a esse contraponto retomando o jogo paródico que tanto divertia ao próprio Bolaño e dizer que os quatro escritores mais importantes da América Latina no século XX são três: Borges e Bolaño.

Apelar a esse jogo paródico é um recurso fácil, não obstante, ele comporta uma dose de verdade ou, pelo menos, uma apreciação bastante aproximada da literatura do final do século passado, que colocou em questão os mandatos de representatividade local. Nesse sentido, pode-se afirmar que, na esteira da proposta borgeana, Bolaño desvencilhou de vez a literatura latino-americana desses compromissos territoriais, na medida em que desmontou criticamente o horizonte ideológico de esquerda que marcou a sua geração, desmantelou as essências identitárias que sujeitavam a literatura a

uma eterna reiteração do mesmo, desestimou uma fala de origem localista e abriu a escrita a uma multiplicidade de vozes que desnor-teia as cartografias da língua espanhola, desenhou nos seus ensaios de leitura bibliotecas alternativas que subvertem o nacionalismo dos cânones. Por certo, essa rápida descrição da escrita de Bolaño não esgota as suas possibilidades de leitura, apenas busca colocar em evidência o trabalho de demolição do estabelecido que ela empreende. É nesse sentido que se pode afirmar que a escrita de Bolaño traçou o último movimento de um processo de desterritorialização que desmontou definitivamente a aparelhagem de uma literatura que se esclerosava nas fórmulas consabidas da identidade latino-americana. Não é casual, portanto, que ele defina o ofício de escrever como a tentativa de destruir a “máquina acorazada” da literatura e que convoque a figura do guerreiro como emblema de uma empresa que comporta não poucos riscos e que – tal como ele insiste em assinalar nos seus ensaios – demanda a coragem de “internarse por territorios desconocidos”. A imagem é eloquente. Para Bolaño, a possibilidade da literatura não é outra senão a de sua condição de deriva, de trânsito entre línguas, culturas, tradições e discursos, vale dizer, a literatura como um movimento de exploração permanente que privilegia a fugaz surpresa do encontro e não a fixidez das formas e dos sentidos já dados.

Trata-se, não obstante, de uma deriva literária que não cessa de traçar, nas palavras do próprio Bolaño, “el atroz crucigrama latinoamericano”, isto é, uma cartografia excêntrica e, por vezes, anacrônica onde ecoa o horror do mundo, o horror da agonística história do século XX. Em qualquer um de seus livros – basta mencionar *Nocturno de Chile*, *Estrella distante*, *La literatura nazi en América*, *Los detectives salvajes* ou o fantasmático *2666* – é possível reconhecer o retorno insistente e perturbador de uma violência que desvenda uma dimensão sinistra do real habitualmente oculta nas perspectivas iluministas da história. Essas narrativas se embrenham por zonas obscuras da experiência das quais nada nem ninguém sai indemne; nem sequer a literatura, o escritor ou o próprio leitor que não podem se furtar à interpelação incômoda que lança cada um desses livros e que Bolaño condensa na pergunta sobre “nuestro grado de implicación en el crimen”.

Essa relação perturbadora entre ética e estética que permeia as narrativas coloca a literatura sob suspeita, confrontando o leitor de uma maneira perturbadora. Porém, é nos ensaios onde a voz do autor expõe, às vezes com uma ironia não menos provocativa, os valores que sustentam sua

ideia de literatura, a qual, em última instância, deve trabalhar em favor da emancipação e esclarecimento humanos. Chama a atenção como, nos seus ensaios, Bolaño insiste em lembrar que os latino-americanos “somos hijos de la Ilustración”, isto é, “somos seres humanos razonables (pobres pero razonables), no entelequias salidas de un manual de realismo mágico, no postales para consumo externo y abyecto disfraz interno. Es decir: somos seres que pueden optar en un momento histórico por la libertad y también, aunque resulte paradójico, por la vida”. Nessas palavras parece ecoar o ideal de um humanismo crítico que, nos termos de Edward Said, resiste a se esclerosar na exaltação mesquinha da própria cultura, se abre ao mundo e se assume como questionamento permanente de tudo aquilo que se oferece como certeza incontroversa, codificada e transformada em produto de mercado. Embora isto seja discutível, penso que não é outro o horizonte da literatura de Bolaño, certo resgate de um humanismo crítico que propõe fazer da literatura, segundo suas próprias palavras, “algo razonable y visionario, un ejercicio de inteligencia, de aventura y de tolerancia. Si la literatura no es esto más placer, ¿qué demonios es?”

Os leitores brasileiros não foram indiferentes à sedução da literatura de Bolaño e, nos últimos anos, as traduções dos seus livros sucederam-se rapidamente, multiplicando o número de seguidores e dando lugar a leituras instigantes, que se debruçam na prolífera escrita deste autor não apenas para propor abordagens críticas de suas obras, mas também como uma forma de indagar acerca do próprio ser da literatura nos dias de hoje. O livro que temos em mãos, *Toda a orfandade do mundo: escritos sobre Roberto Bolaño*, é uma excelente amostra disso, tanto da irresistível atração que essa literatura exerce, quanto das provocativas interrogantes que ela desperta. Organizado em três partes, o livro foca aspectos centrais da obra deste autor: as relações entre literatura e violência, as sugestivas experimentações formais e as instigantes relações entre escritura e vida. As leituras que se desdobram nestas páginas abordam questões tais como o peculiar retorno de uma mimese realista ante uma experiência de mundo violenta, caótica e carente de sentido; a revisão crítica da utopia das vanguardas estéticas e políticas que nortearam a geração dos anos 1970; o trânsito entre a poesia e as formas mais variadas da prosa que faz da indeterminação discursiva um estratégia de demolição da literatura; a experimentação com formas literárias abertas e móveis, cuja potência de significação abre a palavra literária a filiações antes impensadas; o sutil entrelaçamento de vozes que

tecem as narrativas, colocando em cena instigantes relações entre sujeito, experiência e verdade; a marcante inscrição da vida num fazer literário que não aceita as formas assépticas de um esteticismo vácuo.

Por certo, esse rápido comentário não dá conta da sensibilidade e inteligência dessas leituras, ele apenas sinaliza em linhas gerais alguns dos aspectos abordados. No entanto, o que quero destacar é que, em todas essas leituras, se inscreve a singularidade de uma perspectiva própria que não se submete aos parâmetros domesticados da crítica acadêmica, pelo contrário, em todas elas coloca-se em jogo uma subjetividade que não se omite perante a comoção que lhe provocou a leitura do texto literário. Talvez seja isso o melhor que este livro oferece: uma forma de celebrar, como diz Bolaño de sua amizade com Juan Villoro, que “no nos hemos vuelto ni cobardes ni caníbales”.

Ana Cecilia Olmos

São Paulo, março de 2015